

10 AGO 1985

Despoluição do Lago vai custar Cr\$ 700 bilhões

30 AGO 1985

A Caesb precisa de Cr\$ 600 a 700 bilhões para sanar o problema da poluição do Lago Paranoá. Enquanto isto não acontece, a Companhia tem que usar de paliativos para evitar um desastre ecológico como o que ocorreu em 1978. Somente ontem, segundo o superintendente do órgão, Laélio Ladeira, cerca de meia tonelada de algicida foi despejada nas águas por dois barcos. De acordo com ele, esta medida garantiu o controle da situação. "Mas este quadro pode mudar dentro de 2 ou 3 dias, tornando-se aceitável ou completamente grave".

A poluição do Lago Paranoá tem como principal causa o saturamento do sistema de tratamento de esgoto, que em 1975 já atingira o máximo de saturação. Por não ter sido ampliado, passou a tratar o produto apenas em nível primário, não chegando ao terciário (que elimina os nutrientes), como deveria ocorrer. Segundo Laélio, se isto acontecesse, a água resultante dos desjetos seria tão potável quanto é no Japão.

É o produto deste esgoto maltratado, rico em nutrientes (principalmente fósforo e hidrogênio) que alimenta e serve à proliferação das algas "microcystis aeruginosa". Elas passam a consumir o oxigênio da água, o que provoca a morte dos peixes. Quando são as algas que morrem, instala-se o mau-cheiro já conhecido da população do Plano Piloto pela experiência de 78.

Laélio Ladeira lembra que hoje, a quantidade de fósforo por um litro de água está maior que a registrada no desastre ecológico daquele ano. "Estes níveis são alarmantes", diz ele, que foi forçado a intensificar o uso de algicida (sulfato de cobre) para deixar

a situação sob controle. O superintendente acrescenta que o mormaço, a seca prolongada, a alta nebulosidade e a temperatura elevada são condições altamente desfavoráveis à manutenção de um equilíbrio ecológico no Lago Paranoá.

A ampliação de duas estações de tratamento de esgoto é uma das soluções que Laélio Ladeira encontra no momento para solucionar o caso da poluição. Ele adiantou que o governador José Aparecido está empenhado em obter a verba necessária para o início desta solução. Em uma primeira fase, que inclui ainda obras em interceptores, travessia subaquática e estação elevatória, devem ser gastos cerca de Cr\$ 300 bilhões.

A definitiva solução, no entanto, requer até Cr\$ 700 bilhões, para uma obra que durará 4 anos, segundo o superintendente. Atualmente, a Caesb faz o que pode para amenizar a situação. Colocou placas de advertência próximas às estações de tratamento do Lago Paranoá e nos locais mais atingidos (Lago Sul). Diariamente, ainda, realiza coleta e análise da água.

O agravamento da situação pode ser verificado também pela quantidade de algicida jogado no Lago, que foi 3,7, 5,4 e 7,2 toneladas, de 1982 a 84. Nos oito meses de 85, foram consumidas 8 toneladas de sulfato de cobre, medida que será intensificada para manter o controle. Laélio Ladeira pretende ainda retirar os aguapés do Lago, que consomem muito oxigênio. Até o final de setembro deve ficar pronto o veículo anfíbio encomendado de São Paulo para fazer esta coleta.